

Governança Liderança e Democracia

Algumas Reflexões

Don Simpson foi um dos produtores cinematográficos de maior sucesso em Hollywood, até à data da sua morte em 1996. Ficou famoso por ter dito que o seu sucesso era em parte devido ao facto de nunca ter sobrestimado os gostos ou capacidades das suas audiências.

Se isto foi verdade ou não no caso de Simpson, o certo é que se olharmos para os meios de comunicação social e para o que é popular na internet, vemos poucos vestígios de produtores, escritores, celebridades e outras entidades ditas “criativas” a sobrestimarem o seu público. Cada vez que carinhosamente imaginamos que o gosto não podia descer mais baixo, certamente que desce, e frequentemente com grande aplauso.

Na *República*, Platão descreve tendências muito semelhantes, concentrando-se sobretudo na inconstância e mutabilidade da mente democrática, memoravelmente comparando o público da opinião pública a uma Grande Besta. Esta Grande Besta é mantida por um guarda, que repara no que é que a enfurece e no que é que a mantém calma, no que lhe provoca gritos, e no que é que a faz ser mansa ou violenta. Tendo reparado nestas coisas, o guarda então utiliza termos como bom e mau, moral e imoral, por forma a estar em conformidade com as atitudes da Besta, não reconhecendo



POR
**Anthony
O'Hear**

Director do Royal
Institute of Philosophy
e Editor da Revista
Philosophy, Londres

qualquer distinção entre a verdadeira bondade e a necessidade de se adaptar aos caprichos da Besta. (*República* 493b-c) Claro que Platão está a pintar a sua imagem do típico líder democrático, aquilo a que poderíamos chamar demagogo.

Claro que poderíamos questionar se Don Simpson ou o demagogo platónico estão apenas a seguir os caprichos da Grande Besta, ou se eles não estarão a contribuir para criar esses caprichos, sobretudo na direcção descendente, convencendo as pessoas de que aquilo que eles numa determinada altura teriam tido vergonha de admitir, afinal não é assim tão mau. Presumo que ver pessoas a comportarem-se pior do que aquilo que nos atreveríamos a imaginar

faz, na realidade, parte do fascínio dos chamados “reality shows” na televisão, sem dúvida conduzindo a uma baixa do nível dos padrões e comportamentos entre a audiência desses programas. Claro que a lógica da posição de Platão não é a de que não deveria haver líderes, com normas elevadas de moralidade e bom gosto nas artes. Pelo contrário, ele acha que essas pessoas deveriam existir, que deveriam censurar exhibições públicas de imoralidade e depravação, e que a democracia deveria ser temperada com as suas regras e discernimento. No entanto, antes de entrarmos em desespero por causa da paisagem democrática, e de procurarmos líderes fortes, capazes de fazerem frente à Grande Besta, em vez de se adaptarem aos seus caprichos, vale a pena tocar noutro ponto, um que recentemente se tem tornado bastante visível na Grã Bretanha. Isto porque apesar de na Grã Bretanha sermos uma democracia, na verdade a democracia ininterrupta mais antiga no mundo, também temos uma elite política e dos meios de comunicação que continuamente se move em direcções que são contrárias ao que a maioria das pessoas comuns na realidade pensa ou quer.

Na Grã Bretanha o que as pessoas comuns pensam ou querem é sistematicamente secundarizado ou marginalizado nas discussões públicas e na política – sobretudo porque a classe política, de todos os partidos, e a elite dos meios de comunicação não o querem e não o querem discutido. Durante décadas, na Grã Bretanha foi praticamente impossível conseguir discutir seriamente a saída da UE ou restrições à imigração, e quaisquer tentativas de o fazer eram rejeitadas como sendo racismo, xenofobia, provincianismo, etc., sendo estes temas mesmo afastados dos organismos públicos de radiodifusão e de órgãos de opinião respeitável. No entanto, estas questões têm recentemente vindo à superfície por uma série de razões, mas como nenhum dos principais partidos políticos tem tido a vontade ou mesmo a linguagem necessária para os discutir, o United Kingdom Independence Party (UKIP) (Partido da Independência do Reino Unido) tem-se tornado recentemente uma força política significativa, para desconforto dos notáveis da política oficial. Sintomático da atitude dos notáveis foi a descrição que o nosso ac-

tual Primeiro Ministro fez dos apoiantes do UKIP, designando-os de “malucos, tolos e racistas disfarçados”, isto em 2006, quando estas pessoas ainda podiam ser postas de lado como sendo uns excêntricos cansativos e sem graça, completamente fora da política dominante. Mas como resultado dos recentes sucessos eleitorais do UKIP, o nosso Primeiro Ministro alterou um pouco a sua opinião, dizendo agora que não faz sentido insultar um partido político em que as pessoas escolheram votar; é demasiado tarde para o Sr. Cameron, recemos, pois para além de se mostrar condescendente, sobretudo após o comentário em que os chamou de malucos, também está errado: ficaria muito feliz em insultar um partido de estalinistas ou de supremacia branca.

Ao partilhar as preocupações que dão motivo a uma grande parte do apoio recebido pelo UKIP, encontro-me agora a favor do povo, a maioria das pessoas comuns, tal como as sondagens de opinião continuamente mostram, e contra aqueles que se acham mais civilizados e possuidores de valores mais elevados. Outras áreas de desconexão entre as elites e a maioria incluem provavelmente o aquecimento global, o terrorismo islâmico produzido internamente e o casamento entre homossexuais; digo provavelmente pois tem havido poucas tentativas de sondar a opinião sobre qualquer destes assuntos, e muito menos um debate genuíno, o que contribui para um sentimento de privação de direitos entre muitas pessoas com atitudes tradicionais (mas não necessariamente politicamente conservadoras). Na verdade, um dos grandes estrategas do partido Trabalhista disse em Junho de 2013 que entre os eleitores da classe média inglesa o seu partido tem tanta “profundidade, domínio e abrangência” quanto é possível encontrar entre Hampstead e Chalk Farm (as áreas do Norte de Londres tradicionalmente favoritas do pessoal dos meios de comunicação e dos intelectuais de esquerda abastados, incluindo os próprios Milibands).

Assim, se tivermos em consideração a democracia, a liderança e a governação, qual é a minha posição? A democracia tens os inconvenientes apontados por Platão, no entanto a liderança de elites pode ser igualmente insuportável, sobretudo quando essas elites arranjam

forma de reprimir e marginalizar opiniões de maiorias que consideram reacionárias e antiquadas face à reforma progressiva a que essas elites estão ligadas.

A raiz do problema está, penso, na própria noção de reforma progressiva de uma sociedade por um grupo articulado que se considera intelectualmente e socialmente superior, desligado de qualquer afecto pelo seu país ou pelo seu povo, e que em geral controla organismos de opinião respeitável e a política de um país pelo qual não tem grande lealdade. Na verdade este grupo é caracteristicamente cosmopolita e multicultural nos gostos e atitudes. Ao provocar uma cisão entre os valores comuns e a moralidade de um povo, a liderança desliga-se imediatamente da maioria. Os seus actos e opiniões já não se identificam com a mentalidade que tem unido a sociedade ao longo de gerações, não podendo por isso fazer apelo aos sentimentos profundos, mesmo atávicos, das pessoas, por quem mostra um desprezo óbvio.

Como Edmund Burke tão bem expôs, somos agora controlados pelas opiniões de “filósofos intrigantes, teólogos políticos e políticos teológicos, que desprezam a sabedoria dos homens iletrados”. Mas as pessoas, apercebendo-se de que os seus valores já não são sancionados nem validados no seio de ou pela comunidade política sente-se à deriva, restando-lhes apenas os seus gostos e desejos imediatos. A sabedoria dos homens iletrados, quando não é alimentada nem cuidada e é menosprezada e desacreditada, murcha e transforma-se numa invólucro de mau gosto e num ressentimento populista potencialmente perigoso, que vemos manifestado no surgimento da esquerda e da direita violentas pela Europa e em insurreições de multidão no mundo árabe e noutros locais.

Seguindo este tema burkeano, ou talvez aristotélico, eu diria que a sabedoria prática não se encontra nos cálculos dos sofistas, economistas e calculadores; a reserva de razão em cada indivíduo ou em qualquer época específica é pequena, e tem tendência a enganar, a não ser que se baseie na sabedoria frequentemente informalizada e informalizável, recolhida ao longo dos tempos, nas instituições, práticas, afectos e tradições, e que forma o contexto não expresso e o fundamento de todas as nossas actividades. Este acordo não expresso em

juízo ou em forma de vida (para variar as metáforas) nem sempre está correcto e é susceptível de ser revisado, mas ignoramo-lo e desprezamo-lo por nossa conta e risco. Precisamos de entender que a sabedoria prática não é uma questão científica, mas depende da experiência, do julgamento e dos laços e afectos construídos ao longo de gerações, e permite-nos abordar situações específicas, que são todas diferentes, com discernimento e sensibilidade.

Burke afirma que um espírito inovador é normalmente resultado de um temperamento egoísta e de uma visão limitada. Egoísta, talvez, mas limitada, quase sempre, e sob um regime teoricamente assente na inovação, imposto de cima, a res publica fica fracturada e divide-se. Uma *res publica* que não inspira respeito e lealdade em toda a sociedade deixa de ser uma *res publica* no verdadeiro sentido da palavra. Deixa de haver um bem comum e uma riqueza comum, e o povo transforma-se numa massa de gostos e atitudes fluida e inconstante com poder de voto e até potencial para a violência, mas sem peso, validade ou *gravitas*. Há uma *res plebeia*, uma massa plebeia, populista, não uma coisa pública, e está separada da elite dominante.

É uma média típica que, nas palavras de Walt Whitman, está longe de qualquer “grande família comum”, enraizada na história e nas tradições da sociedade e ecoando os seus maiores valores e aspirações. Esta média típica é desprezada pela elite dominante, apesar de a elite ter de a elogiar e de a balar de modo a angariar votos de cinco em cinco anos ou coisa parecida (para não falar da compra de votos através de políticas que favorecem clientelas), e apesar de fornecer o material cultural, ou melhor, o entretenimento, para satisfazer os gostos desta média típica. E para reparar os defeitos da situação, onde nem os governantes nem os governados se sentem ligados por nenhum sentido de critérios que vão para além das suas diferenças superficiais de opiniões, temos um fluxo interminável de regulamentos, disfarçados sob o termo pomposo de “governança”, quase como se, ao ressuscitar um termo arcaico que ninguém na realidade utiliza ou entende, as fendas profundas na nossa *res publica* pudessem ser dissimuladas. ■